

UBUNTU E RECONCILIAÇÃO: ESTRATÉGIAS ARTÍSTICAS PARA A CONSTRUÇÃO DA PAZ NA ÁFRICA DO SUL PÓS-APARTHEID.

LUAN DO NASCIMENTO SILVA¹

ORIENTADOR:
PROF. DR. PAULO ROBERTO LOYOLLA KUHLMANN²

Resumo: Objetiva-se, neste trabalho, identificar e analisar as violências (direta, estrutural e cultural) que moldaram o contexto específico da África do Sul durante o regime de *Apartheid*, posteriormente, apresentaremos uma descrição do conceito de *Ubuntu*, que remete à antiga filosofia africana que trata de nutrir o sentimento de unidade entre os indivíduos como forma de consolidar a comunidade, logo, apontaremos também sua significação e aplicação na África do Sul. Em seguida, no contexto pós-*Apartheid*, verificaremos a atuação da organização *Artist Proof Studio* (APS) que, através de iniciativas artísticas baseadas na comunidade, resgatou o conceito de *Ubuntu* e promoveu o processo de reconciliação, isto é, colaborou para a transformação de conflito no âmbito local através de estratégias artísticas, que tendem a mitigar as violências em prol do fortalecimento da paz direta, da paz estrutural e, principalmente por meio da filosofia *Ubuntu*, da paz cultural. Sendo assim, será observado como as artes fortalecem esse conceito na África do Sul, facilitando o processo de reconciliação e de construção da paz.

Palavras-chave: Construção da Paz; Transformação de Conflitos; Reconciliação; Sensibilização pela Arte.

¹ Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), membro do Grupo de Estudos de Paz e Segurança Mundial (GEPASM/UEPB) e pesquisador voluntário do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq - Cota 2015/2016), orientado pelo Professor Dr. Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann. Email: luandonascimentosilva@gmail.com.

² Professor do Programa de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutor e mestre em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP). Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar de Agulhas Negras. Coordenador do Grupo de Estudos de Paz e Segurança Mundial. Email: prkuhlm@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Antes de analisarmos as iniciativas artísticas da *Artist Proof Studio* (APS) na tentativa de promover a Construção de Paz na África do Sul, devemos compreender o processo histórico do país e contextualizar as violências, para então, entendermos a necessidade de resgate da filosofia *Ubuntu* como forma de mitigar essas violências e fomentar o processo de reconciliação entre a população branca e negra.

De acordo com Braga (2011), para compreendermos a atual conjuntura nacional da África do Sul e sua inserção nas relações internacionais, é necessário observar os acontecimentos que as moldaram. Iniciando pela era mercantilista que, a partir da expansão marítima e da evolução do sistema capitalista, colaborou com o processo de colonização das “regiões periféricas” do mundo pelos europeus, considerados o centro da relação colônia-metrópole. Ainda no século XVII, inicia-se a colonização da África do Sul pelos holandeses, estabelecendo uma relação de dominadores-dominados, respectivamente, holandeses e nativos. Portanto, nesse contexto, notam-se as raízes do regime de segregação racial que viria a ser institucionalizado anos depois.

Com ascensão do Império Britânico, trazendo uma nova lógica do capitalismo e do colonialismo, seu processo de expansão tomou espaço na África do Sul, não obstante, agora nomeados de “bôeres”, os colonos holandeses permaneceram no local, fato fundamental para compreensão da história sul-africana (BRAGA, *ibidem*), logo, percebe-se que havia um conflito que dizia respeito à divisão do espaço geográfico pelos nativos, pelos bôeres e pelos ingleses. Contudo, a sociedade sul-africana ainda sofreu mais uma grande mudança no século XIX que remete à chegada dos indianos, segundo Braga (*ibidem*: 63-64). Logo, a sociedade sul-africana estava composta por três grandes grupos: Negros, brancos e indianos. Nesse estágio da história, nota-se o surgimento e fortalecimento da violência cultural que, conforme Concha (2009:75), é quando elementos culturais — tais como religião, língua, símbolos — são usados para legitimar os outros tipos de violência.

Na primeira metade do século XX, o elemento caracterizador foi a hegemonia britânica e o processo de institucionalização da violência, isto é, surgiam leis que tornavam a segregação racial parte oficial do regime sul-africano, por exemplo, *Native Land Act*, que limitava a aquisição de propriedade pela população negra, além de limitar sua circulação pelo país. Sendo assim, surgiram diversas outras leis que oprimiam a população negra, retirando dela direitos fundamentais como o direito à livre associação, à educação, à saúde, dentre outras, destacando-se ainda leis como: *Lei de Registro de População*, que categorizava a população em raças; e *Group Areas Act*, que dividiu o território em oito partes, denominadas *Homelands*, administradas por brancos (BRAGA, *op. cit.*: 67-72). Nesse momento, caracteriza-se a violência estrutural que remete “a violência intrínseca aos

sistemas sociais, políticos e econômicos mesmos que governam sociedades, Estados e o mundo”³ (CONCHA, 2009: 75).

Na segunda metade do século XX, propulsionaram-se movimentos que contestavam as políticas segregacionistas, marcando o surgimento de campanhas para a desobediência civil, como a *Defiance Campaign* propulsionada pela *African National Congress* (ANC), em 1952, conforme Braga (2011). Esses movimentos desencadearam em maior repressão do governo, que fez surgir grupos armados antiapartheid, por exemplo, o *Umkhonto We Sizwe*, comumente mencionado como MK, então, por parte do governo foi criado o *Bureau of State Security* (BOSS) para reprimir ainda mais os movimentos antiapartheid, fossem eles pacíficos ou armados (BRAGA, ibidem: 77-78). Para caracterizar a violência direta que, segundo Concha (op. cit.: 75), baseia-se no empreendimento da violência física, verbal e/ou psicológica, pode-se mencionar a “Revolta de Soweto” que foi uma série de longos confrontos que culminaram em centenas de mortos (BRAGA, op. cit.: 84).

Após longo período de omissão, iniciou-se um processo de contestação do regime de *Apartheid* e pressão da comunidade internacional para o fim dele, propiciado pela conjuntura regional e internacional da época, culminando em embargos políticos e econômicos, principalmente por parte da ONU, fazendo com que os sistemas político e econômico da África do Sul entrassem em crise, portanto, a crise que resultou no colapso e fim do regime Apartheid foi fruto da instabilidade interna e pressão internacional (BRAGA, ibidem). Entretanto, Ramathate Dolamo (2013: 01), ao se referir a filosofia *Ubuntu*, infere que “nem tudo está perdido após os passados 500 anos de escravidão, colonização e globalização”⁴.

UBUNTU: UMA FILOSOFIA AFRICANA PARA A PAZ

Estando brevemente explanada a história da África do Sul e tendo as violências cultural, estrutural e direta contextualizadas ao longo dela, busca-se, a partir desse momento, trazer um panorama conceitual da filosofia Ubuntu para então aplicá-la ao cenário sul-africano e entender como a *Artist Proof Studio* (APS) pode ser capaz de fortalecer esse conceito e promover o processo de reconciliação e de construção da paz.

De acordo com Dolamo (2013), o conceito de *Ubuntu* é antigo e não é exclusivo à filosofia africana, no entanto, esse conceito vem sendo lembrado como forma de fortalecer a identidade africana no contexto em que seus países vêm se tornando independentes dos regimes coloniais e escravocratas, além de ajudar a resistir ao processo de globalização. Não obstante, para Manda (2009), etimologicamente o termo “*Ubuntu*” tem origem em algum

³ Tradução do autor.

⁴ Tradução do Autor

dialeto da língua Banta, referindo-se a interconectividade de um humano com todos os outros de sua espécie. Especifica ainda duas variações da língua Banta: a língua Sesotho e a língua Nguni, que dão origem, respectivamente, aos termos “*botho*” e “*ubuntu*” que tem o mesmo significado (DOLAMO, 2013).

A filosofia *Ubuntu* tem ganhado visibilidade, principalmente, após a instauração da Comissão da Verdade e Reconciliação⁵ na África do Sul no contexto pós-Apartheid, junto também ao empreendimento de uma política denominada de “*African Renaissance*” (NABUDERE, 2005: 01), contudo, a filosofia Ubuntu diz respeito a um sentimento que está espalhado pelo continente africano, expresso de forma prática na vida cotidiana dos indivíduos em comunidade, estando eles conscientes disso ou não, mas que tende a cumprir o papel de estabelecer um senso de identidade africana e de respeito mútuo (ibidem: 02). Nabudere ainda traz uma explicação do conceito de *Ubuntu* através de dois provérbios, um de origem Zulu e outro de origem Sotho:

[...] assim como o provérbio Zulu diz: “Umuntu ngumuntu nabantu”, que literalmente significa: “uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas”. Essa crença, portanto, prescreve Ubuntu como “sendo com outros”. O povo Sotho tem uma expressão similar, que é encontrada em muitas outras línguas africanas. Para o povo Sotho “ser com outros” é expresso filosoficamente como: Motho ke ntotho batho. Para alcançar essa união, reconciliação com esses “outros” se torna uma necessidade contínua do ser.⁶ (NABUDERE, ibidem: 03).

Logo, percebe-se que há diversas versões para esses aforismos de acordo com cada contexto cultural, abordando o mesmo significado filosófico do termo *Ubuntu* que, citando Leonhard Praeg⁷, o autor Dirk Louw (2010) relaciona com o ato político de partilhar poder, onde se torna evidente a noção de interdependência entre os indivíduos. Não obstante, a partir de uma perspectiva ética sobre o conceito, as premissas da filosofia *Ubuntu* permitem a convergência entre individualidade e pluralidade, no sentido em que a pluralidade não impõe uma identidade para o indivíduo, mas sim as individualidades que compõem a pluralidade e assim formam o cenário comunitário, ou seja, Ubuntu está contextualizado na relação recíproca que se dá entre os indivíduos e sua comunidade, portanto, a máxima “eu sou porque nós somos” pode ser trocada por “nós somos porque eu sou” e ainda captar o significado de *Ubuntu* (LOUW, ibidem: 07-08).

Já para Chaplin (1996), não é somente uma palavra, não é somente um conceito, mas é realmente uma filosofia de vida para os africanos, representada em uma palavra com um significado de valor universal: *Ubuntu*, quando um indivíduo reconhece o outro indivíduo como sendo tão humano quanto ele, fortalecendo a noção de que o bem-estar da

⁵ Truth and Reconciliation Commission (TRC).

⁶ Tradução do autor.

⁷ Vide: PRAEG, Leonhard. **A Report On Ubuntu**. Pietermaritzburg: University of KwaZulu-Natal Press. 2014.

comunidade deve ser posta acima dos interesses dos indivíduos, mas dependendo dos indivíduos a garantia desse bem-estar, logo, *Ubuntu* é algo fundamental para a (re)construção de uma comunidade após um longo período de conflitos sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos.

Entretanto, deve-se considerar que, por ora, não há termo equivalente na língua portuguesa que abarque o real significado de *Ubuntu*, enquanto que na língua inglesa o termo pode ser referido como “*humanness*” que, mesmo não sendo ideal, é um termo que se aproxima bastante da essência dessa filosofia (SIGGER et al, 2010), ao contrário, por exemplo, do termo “*humanity*”⁸ que se pressupõe não ser capaz de apreender sua complexidade.

De acordo com Binsbergen (2001), considerando que o cenário de globalização moldou a atual sociedade africana, não há necessidade de se aprofundar sobre os debates etimológicos, sobre as origens étnicas, ou ainda, sobre qual abordagem traz a melhor conceituação da filosofia *Ubuntu*, pois se deve focar em como essa filosofia pode ser usada como ferramenta para transformações sociais, sendo assim, destaca-se também o papel da abordagem utópica sobre *Ubuntu* aplicado a contextos locais reais, através ainda do conceito de “Não-lugar”, com o intuito de atingir as mudanças desejadas.

Ressaltam-se ainda três razões para o *Ubuntu* se tornar eficaz como instrumento de transformação social, por causa de sua (i) *perspectiva histórica*, pois os indivíduos que estão inseridos no local ou nacional, sejam eles adeptos das práticas de uma sociedade globalizada ou não, carregam em si, de forma consciente e/ou inconsciente, experiências que remetem a um passado ancestral que pode ser resgatado com a filosofia *Ubuntu*, possibilitando a formação de uma (ii) *identidade africana* que tende a fortalecer “símbolos, conceitos e práticas” locais, ou seja, a filosofia *Ubuntu* — nesse caso, contraditoriamente considerada uma prática local de caráter global — consequentemente corrobora para formação de uma (iii) *estratégia* de transformação de conflitos com base no fomento da unidade africana e na inserção de práticas locais pluralistas na sociedade africana que vem passando e se aprofundando no processo de globalização (BINSBERGEN, 2001: 73-74).

Para que uma organização, que tenha por objetivo fomentar o processo de reconciliação através da filosofia *Ubuntu*, possa mostrar todo seu potencial ao gerenciar práticas que promovam a integração entre os indivíduos, ela deve ser concebida de acordo com as tecnologias e os valores basilares da raiz dessa filosofia, sendo elas: Empreendimentos comunitários, legitimidade de liderança, compartilhamento de valor, coletivismo e solidariedade, desenvolvimento integrado contínuo, interconectividade, respeito e dignidade (SIGGER et al, ibidem). Não obstante, para Tom (2015: 09), tais

⁸ Comumente traduzido para o português como “humanidade”.

valores basilares dessa filosofia se resumem em “*humanness*”⁹, partilha, respeito, cuidado e compaixão”.

A capacidade da filosofia *Ubuntu* de trazer diferentes grupos para trabalharem juntos, pode ser a chave para que as organizações promovam a reconciliação entre os indivíduos, ou seja, através de processos grupais fomentam-se na comunidade os princípios de cooperação e colaboração, mostrando-lhes a importância da união para prover um desenvolvimento local mais forte (MUGUMBATE; NYANGURU, 2013). Nesse sentido, não só o governo sul africano, como também diversas comunidades locais têm procurado desenvolver programas baseados na filosofia *Ubuntu* na tentativa de mobilizar indivíduos a trabalharem juntos como forma de regenerar a moral do país e transformar os desafios enfrentados pela sociedade sul africano na atualidade (TOM, 2015), utilizando-se inclusive do amparo do sistema judiciário da África do Sul que enfatiza elementos dessa filosofia como forma de fomentar a harmonia social:

Um dos objetivos centrais das políticas de sentenciamento da África do Sul é a restauração da harmonia social. Desde conciliação, harmonia social, interdependência e comunalidade são centrais ao Ubuntu, Ubuntu tem cumprido um papel importante no sistema de justiça criminal do país. Como tal, a corte constitucional da África do Sul tem dado ênfase em alguns elementos chaves do Ubuntu, incluindo reconciliação, harmonia social, dignidade, civilidade, responsabilidade, confiança e respeito para com os outros, assim como compatibilidade com a Declaração de Direitos do país.¹⁰ (TOM, *ibidem*: 12).

Essa perspectiva posta em voga pela filosofia *Ubuntu* de contribuição dos indivíduos para o desenvolvimento da comunidade, partindo do entendimento que a relação que se dá entre eles em sociedade é de, não só interdependência, mas de interconectividade, corrobora para a comprovação da *Teoria de Segurança Mundial*, onde o processo de transformação de conflitos e/ou de mudanças sociais são frutos de ações coletivas que se referem às estruturas locais ou globais que mitigam as violências e fortalecem a noção de liberdade dos indivíduos e dos grupos, de forma a incentivar o reconhecimento das liberdades dos outros (BOOTH, 2007). Liberdade é essencial para a concepção de uma noção de segurança eficiente, pressupondo a necessidade de um processo de emancipação (política e econômica) dos indivíduos, ou seja, a liberdade é pilar fundamental da emancipação humana e a emancipação humana é pilar fundamental para garantir a segurança humana, ademais, há necessidade de enfatizar as abordagens de segurança que tem foco nas interações humanas, pois são essas interações que sustentam o mundo (BOOTH, 1981).

⁹ Termo em inglês, por acreditar não haver termo em português fiel a essência do conceito, como já discutido no presente artigo.

¹⁰ Tradução do autor.

Sendo assim, faz-se necessário discutir como a *Artist Proof Studio* (APS) se apropria da filosofia *Ubuntu* como forma de promover o processo de reconciliação na África do Sul e, ainda, como estratégias artísticas podem fortalecer o conceito de *Ubuntu*. Ou será que o *Ubuntu* fortalece as estratégias artísticas? Enfim, procurar-se-á, por conseguinte, compreender como estratégias artísticas através da filosofia *Ubuntu* promovem a transformação de conflito no contexto pós-Apartheid na África do Sul.

ESTRATÉGIAS ARTÍSTICAS PARA A CONSTRUÇÃO DA PAZ

As artes, em suas mais variadas formas (teatro, música, dança, arte visual, etc.), são instrumentos funcionais da sociedade com capacidade de estabelecer canais de comunicação e expressão entre os indivíduos ou entre grupos de indivíduos, sendo assim, considerando sua capacidade de transformar as dinâmicas dos relacionamentos humanos, mesmo ao ser tratado como uma abordagem *soft* para a transformação de conflitos, as artes devem ser pensadas de forma estratégica, isto é, deve-se pensar a utilização das artes de forma coordenada a outras iniciativas de Construção de Paz (SHANK; SCHIRCH, 2008). De acordo com Cynthia Cohen (2015), abordagens artísticas e práticas culturais direcionadas para a Construção da Paz podem exercer grande influência no processo de confrontação dos problemas de determinada comunidade, principalmente quando incorporadas a uma forma de poder não coercitiva:

Em iniciativas de construção da paz, as artes e as práticas culturais visam incorporar um tipo de poder que não repousa em danos ou dominação, mas sim em reciprocidade, conectividade e generatividade. As artes podem ser trabalhadas para engajar as pessoas de modo convincente, mas não coercitivamente, nos assuntos que confrontam suas comunidades.¹¹ (COHEN, 2015: 06).

Nesse momento, compreende-se a Construção da Paz como “as variadas formas de tentar prevenir, reduzir, transformar e ajudar pessoas a se recuperarem da violência em todas suas formas, em todos os níveis da sociedade e em todos os estágios do conflito” (SHANK; SCHIRCH, op. cit.: 218-219), logo, o processo de reconciliação entre grupos conflitantes pode ser considerado um método de Construção da Paz, principalmente quando na tentativa de transformar relações violentas em relações de confiança (WEBEL; GALTUNG, 2007: 174).

Para que ocorra a reconciliação através das artes, pressupõe-se a necessidade de compreender as experiências estéticas como algo fundamental no processo, assim como explana Cynthia Cohen (2003). Primeiramente, deve-se considerar o engajamento sensorial

¹¹ Tradução do autor.

e cognitivo dos indivíduos como forma de torna-los conscientes de que são capazes que criar significação; em seguida, percebe-se que as experiências estéticas se adequam a um contexto no espaço-tempo, fazendo com que as artes possam ser estrategicamente direcionadas a um determinado período traumático da história do indivíduo e/ou comunidade; além de usar a mistura de elementos inovadores e tradicionais para o tratamento dessas tensões (COHEN, *ibidem*: 05-07).

Por estética, compreende-se a relação entre sujeito-objeto, onde cada sujeito percebe — e é sensível a — determinado objeto de formas diferentes, sem haver a necessidade de explicação de seus fenômenos, nesse caso: “Arte é o objeto, material ou imaterial. Estética é a forma de produzi-lo e percebê-lo. Arte está na coisa; Estética, no sujeito e em seu olhar” (BOAL, 2009: 22).

Por isso, o processo de reconciliação diz respeito à transformação do fenômeno estético, onde o indivíduo deve substituir a percepção que ele tem do outro como inimigo pela percepção do outro como um humano, assim como ele, isto é, a essência desse processo é a busca pelo que há de comum entre os indivíduos, respeitando suas diferenças. De acordo com Cynthia Cohen (2003), esse processo de transformação da percepção estética — que pode ser estrategicamente viabilizado por abordagens artísticas — se refere à transformação da transsubjetividade, conceito este que remete a construção da identidade étnica ou nacional de um indivíduo a partir da absorção de símbolos externalizados por seu grupo ou comunidade que comumente designam símbolos que constroem uma estética daqueles que não pertencem a esse grupo ou comunidade como sendo inimigos, ou como diz Valerie Rosoux (2007), como sendo bárbaros, pois só são civilizados aqueles entre os seus.

Partindo do pressuposto que os conflitos são intrínsecos às relações humanas, para haver a transformação de conflitos necessita-se de uma abordagem positiva que tenha a pretensão de fomentar mudança ou crescimento a partir do próprio conflito, ou seja, tem-se no conflito a “oportunidade de crescer e de melhorar o nosso entendimento sobre nós mesmos e sobre os outros” (LEDERACH, 2003: 03), assim redireciona-se a energia do conflito para as mudanças sociais, então, surge a necessidade de pensar estrategicamente o uso das artes, para que possa cumprir, de forma não só eficaz, mas eficiente, o seu papel na redução da violência.

Portanto, há quatro dimensões em que a transformação de conflitos pode surgir efeito de forma positiva: Na (i) *dimensão pessoal*, que remete a individualidade e enfatiza nela os seus potenciais; na (ii) *dimensão relacional*, que (re)estabelece os canais de comunicação entre as partes e propicia o entendimento recíproco; na (iii) *dimensão estrutural*, que busca direcionar as diversas formas de organização (institucional, política, econômica, dentre outras), para atender as necessidades humanas, buscando reduzir a

violência indo na raiz dela; e ainda na (iv) *dimensão cultural*, procura substituir padrões culturais que incentivam a violência por padrões que se opõem aos conflitos violentos (LEDERACH, 2003: 05-06).

A partir do método de *Transcend* de Johan Galtung¹², infere-se que o processo de transformação de conflitos para que atinja a paz, deve ser baseado em três pilares básicos e fundamentais, sendo eles: empatia, não violência e criatividade, respectivamente, para entender as partes e abrandar suas atitudes, para direcionar-se as necessidades básicas e tornar os comportamentos mais leves, para ajudar a transcender as contradições (CONCHA, 2009: 79).

Por conseguinte, ressaltando que as artes tem essa capacidade transformativa, onde surgem novas perspectivas ou possibilidades, o potencial de sua aplicação dependerá da estratégia adotada e para isso Shank e Schirch (2008) elencam alguns passos a serem seguidos: 1) Saber quais as intenções do uso estratégico das artes na Construção da Paz, isto é, qual o problema, os objetivos, a metodologia, a abordagem artística, o público-alvo, formas de avaliação, etc.; 2) Ter o cuidado de como a mensagem será veiculada pela abordagem artística escolhida, evitando-se problemas de comunicação; 3) Aplicar um método de avaliação no processo de transformação para coletar resultados, compreender os efeitos e, eventualmente, aprimorar a abordagem.

ARTIST PROOF STUDIO

No contexto pós-Apartheid na África do Sul, destacam-se pessoas como Nelson Mandela e Desmond Tutu, figuras essenciais para o processo de transição política, empreendendo-se uma política de reconciliação baseada nos preceitos da justiça restaurativa, na qual se reconhecem ambas as partes, ofensores e vítimas, na tentativa de apreender suas experiências e criar um movimento de conscientização sobre os traumas vividos, mesmo com muitas críticas, essa política de reconciliação foi instrumentalizada e posta em prática quando foi implementada a Comissão da Verdade e Reconciliação (PINTO, 2007).

Artist Proof Studio (APS) é uma organização sem fins lucrativos de utilidade pública, caracterizada pela noção de humanidade compartilhada como forma de se tornar autossuficiente, logo, percebe-se que essa noção remete a filosofia *Ubuntu*, destarte, ressalta-se que a APS tem por objetivo prover um ambiente propício ao desenvolvimento de capacidades através das artes e valores comuns, tais como, inovação, autoconsciência, engajamento, excelência e, ainda, *Ubuntu* (ARTIST PROOF STUDIO, 2013).

¹² Vide: GALTUNG, Johan. **Conflict Transformation by Peaceful Means (The Transcend Method)**. United Nations Disaster Management Training Programme, 2000.

Durante o processo de transição, em 1992, pouco antes das primeiras eleições democráticas pós-período de *apartheid*, surge a APS na tentativa de criar oportunidades para jovens artistas em desvantagem financeira e educacional, devido ainda às desigualdades encontradas no contexto específico sul-africano, baseando-se em meios não raciais para promover treinamentos para esses jovens, tentando ainda promover a reconciliação ao engajar brancos e negros a trabalharem juntos (BERMAN, 2005).

Desde o começo, a APS realmente parecia estar empreendendo com sucesso o engajamento conjunto de pessoas brancas e negras em projetos artísticos em comunidades, contudo, em 2002, ocorreu um incêndio que destruiu o estúdio e levou a vida de Nhlanhla Xaba, um dos fundadores da organização, deixando seus membros bastante abalados pelas grandes perdas (BERMAN, *ibidem*). Então, na tentativa de obter fundos para reerguer a organização, a APS foi inscrita e aprovada para participar de um programa da *Brandeis University*¹³ (Waltham/Boston, Massachusetts, EUA), denominado de *Recasting Reconciliation through Culture and the Arts*. (BERMAN, *ibidem*: 04). Além disso, surgiu das sessões de terapia grupal uma das iniciativas artísticas para fomentar a recuperação do grupo, que foi a confecção de painéis feitos com colagens a partir de materiais que sobraram do incêndio, sendo essa uma forma do grupo tratar do passado, presente e futuro (*ibidem*: 09).

Em 2004, inaugurava-se o novo estúdio da APS, promovendo-se também uma série de reforma na estrutura da organização em direção a fortalecer seus valores básicos, substituindo, por exemplo, a estrutura de poder hierárquica pela formação de um conselho circular, composto por representatividades de todos os setores da organização — estudantes, membros, coordenadores, etc. — (*ibidem*: 18), portanto, parecendo ser mais compatível com a noção de *Ubuntu*, por proporcionar a horizontalização das relações.

Atualmente, há quatro programas de atividades desenvolvidos pela APS: (a) *APS Gallery*, que tem por objetivo expor, local e internacionalmente, os trabalhos dos estudantes, dos artistas profissionais ou de qualquer outro membro associado à APS, gerando assim sua renda; (b) *Education Unit*, visa promover a capacitação dos estudantes em artes visuais, especificamente, em gravura, mas não somente em desenhar, mas também em se comunicar e negociar, portanto, destacam-se os cursos profissionalizantes com duração de cerca de três anos, além de oficinas aos fins de semana para aqueles que não podem participar integralmente dos cursos; (c) *Professional Print Studio (Pro-shop)*, esse programa diz respeito a geração de renda pra manutenção da organização, oferecendo um trabalho especializado na impressão e venda de trabalhos artísticos, sejam de artistas associados à APS, sejam outros artistas locais, nacionais ou internacionais; (d) *Special Projects Unit*,

¹³ Vide: <https://www.brandeis.edu/ethics/peacebuildingarts/recasting/index.html>

relacionado ao programa *Education Unit*, essa abordagem tenta inserir os alunos em um contexto ainda mais amplo, o da sociedade, estabelecendo contatos e parcerias com entidade corporativistas, governamentais e civis como forma de oferecer serviços de ilustração, restauração, curadoria, etc., incentivando-os a aprimorar suas habilidades em troca da arrecadação de fundos que ajudem a sustentar a organização (ARTIST PROOF STUDIO, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, evidencia-se que a APS funciona aos moldes do ciclo de Construção da Paz desenvolvido por Shank e Schirch (2008: 220-227), fundamentado na (i) *construção de habilidades*, ao trabalhar as capacidades e habilidades dos indivíduos através de seus programas educacionais baseados em estratégias artísticas, criando uma estrutura basilar para a cultura de paz; na (ii) *transformação de relacionamentos*, ao promover a reconciliação através do trabalho conjunto entre negros e brancos, corroborando para a sustentação de termos pacíficos; no (iii) *empreendimento de conflitos não violentos*, ao impulsionar a conscientização da população acerca dos problemas e conflitos vividos por sua comunidade, agindo diretamente em defesa dos direitos dos indivíduos, por exemplo, em defesa da liberdade; e na (iv) *redução da violência direta*, ao criar um ambiente propício ao desenvolvimento de atividades pacíficas, através da quebra do ciclo de violência propiciada pelos programas de educação artística e profissional.

A estratégia artística da APS, baseada nas artes visuais, tem papel fundamental no processo de reconciliação, pois essa abordagem tem forte sentido estético que pode ser estrategicamente direcionada para transformar a subjetividade, dessa forma, substituir símbolos de conotação negativa por símbolos de conotação positiva.

Além disso, o engajamento de grupos outrora conflitantes em trabalhos conjuntos com intuito de aprimorar as habilidades individuais e sustentar a organização da qual fazem parte, assemelha-se a relação entre indivíduo e comunidade da filosofia *Ubuntu*, além de estabelecer uma estrutura social local que busca transformar a realidade através de ações coletivas, sendo assim, uma forma de gerar segurança mundial, promovendo a emancipação dos indivíduos e, de forma geral, do grupo; considerando ainda o sucesso da APS em empreender iniciativas artísticas que possibilitaram sua autossuficiência, infere-se que a emancipação não foi só política, mas também econômica.

REFERÊNCIAS

ARTIST PROOF STUDIO - APS. **Annual Report 2013**, Johannesburg, 2013. Disponível em: <<http://artistproofstudio.co.za/wp-content/uploads/2015/05/APS-Annual-Report-2012-13.pdf>>. Acesso em: 23 de Abril de 2016.

_____. **Annual Report 2014-2015**, Johannesburg, 2015. Disponível em: <<http://artistproofstudio.co.za/wp-content/uploads/2015/05/APS-Annual-Report-2014-15.pdf>>. Acesso em: 23 de Abril de 2016.

BERMAN, Kim. "Artist Proof Studio: A Journey of Reconciliation". In.: **Recasting Reconciliation through Culture and the Arts: A Virtual Collection**. Waltham/MA: Brandeis University, 2005. Disponível em: <http://www.brandeis.edu/ethics/peacebuildingarts/pdfs/peacebuildingarts/kim%20artist_prof_studio-1.pdf>. Acesso em: 23 de Abril de 2016.

BINSBERGEN, Win van. *Ubuntu* and the Globalization of Southern African Thought and Society. In: **HENSBROEK, Pieter Boele van. African Renaissance and Ubuntu Philosophy**. Centre for Development Studies, Vol XV, Nº 1-2, 2001.

BOAL, Augusto. **Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOOTH, Ken. "Security and emancipation". **Review of International Studies** Vol. 17, Nº 04, 1991, p. 313-326.

_____. **Theory of World Security**. New York: Cambridge University Press, 2007.

BRAGA, Pablo de Rezende Saturnino. **A Rede de Ativismo Transnacional contra o Apartheid na África do Sul**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

CHAPLIN, Kevin. **The Ubuntu Spirit of African Communities**. Council of Europe, 1996. Disponível em: <<http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/culture/Cities/Publication/BookCoE20-Chaplin.pdf>>. Acesso em: 02 de Maio de 2015.

COHEN, Cynthia. "Engaging with the Arts to Promote Coexistence". In: **Imagine Coexistence: Restoring Humanity after Violent Ethnic Conflict**, editado por Martha Minow and Antonia Chaves, Hoboken/NJ, Jossey-Bass, 2003.

_____. (State of the Art) Arts and Building Peace: Affirming the Basics and Envisioning the Future. **Insights**, United States Institute of Peace, Summer/2015, p. 05-07.

_____. "Creative Approaches to Reconciliation". In.: **The Psychology of Resolving Global Conflicts: From War to Peace; Volume 3 Interventions**. Editado por Mari Fitzduff e Christopher E. Stout, Westport, CT: Greenwood Publishing Group, 2005.

CONCHA, Percy Calderón. Teoría de Conflictos de Johan Galtung. **Revista Paz e Conflictos**, nº 2, 2009, p. 60-81.

DOLAMO, Ramathate. **Botho/Ubuntu: The heart of African Ethics**. University of South Africa/Scriptura 112, 2013, p. 1-10.

LEDERACH, John Paul. "Conflict Transformation". In.: **Beyond Intractability**. Editado por Guy Burgess e Heidi Burgess, Conflict Information Consortium, University of Colorado,

Boulder, 2003. Disponível em: <<http://www.beyondintractability.org/essay/transformation>>. Acesso em: 25 de Abril de 2016.

LOUW, Dirk. **Power sharing and the challenges of Ubuntu ethics**. Research Institute for Theology and Religion, 2010. Disponível em: <<http://uir.unisa.ac.za/bitstream/handle/10500/4316/Louw.pdf>>. Acesso em: 24 de Abril de 2016.

MANDA, David Suze. **Ubuntu philosophy as an African philosophy for Peace**. African Files, 2009. Disponível em: <<http://www.africanfiles.org/article.asp?ID=20359#>>. Acesso em: 21 de Abril de 2016.

MUGUMBATE, Jacob; NYANGURU, Andrew. Exploring African Philosophy: The value of Ubuntu in Social Work. **African Journal of Social Work**, Vol. 3, Nº 1, 2013.

NABUDERE, Dani W. **Ubuntu Philosophy: Memory and Reconciliation**. Texas ScholarWorks, 2005. Disponível em: <<https://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/4521/3621.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 de Abril de 2016.

PINTO, Simone Martins Rodrigues. “Justiça Transicional na África do Sul: Restaurando o passado, construindo o futuro”. **Contexto Internacional**, Vol. 29, Nº 2, julho/dezembro 2007, p. 393-421.

ROSOUX, Valérie. “Arts et Résolution des Conflits”. In: **Culture et relations internationales**, editado por F. Massart, Louvain-la-Neuve, Presses universitaires de Louvain, 2007, p. 101-110.

SHANK, Michel; SCHIRCH, Lisa. “Strategic Arts Based Peacebuilding”. **Peace & Change**, Vol. 33, Nº 2, 2008, p. 217-242.

SIGGER, D. S.; POLAK, B. M.; PENNINK, B. J. W. **‘Ubuntu’ or ‘Humanness’ as a management concept**. CDS Research Report, Nº 29, Jul. de 2010.

TOM, Patrick. A ‘post-liberal peace’ via Ubuntu? **Peacebuilding**, 2015.

WEBEL, Charles; GALTUNG, Johan. **A Handbook of Peace and Conflict Studies**. London and New York, Routledge, 2007.